



## COVID-19 NO MEU CORPO TERRITORIAL MÓRBIDO EM UMA GEOGRAFIA VIRAL GLOBALIZADA, MUTANTE E ATIVA

Alcindo José de Sá<sup>1</sup>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0145-3151>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Brasil\*

*Artigo recebido em 10/05/2024 e aceito em 16/07/2024*

### RESUMO

Destaco que este ensaio tem um caráter pessoal e, portanto, busca descrever um estado de vida mórbida hospitalar, vivido por mim por quinze dias, sob o acometimento da covid-19, entre os dias 29 de março de 2020 a 13 de maio do mesmo ano. Paralelamente busco fazer um link com possíveis e pertinentes vinculações da Geografia com outras áreas das humanidades afins. Portanto, destaco, entrelaçam-se duas variantes comuns: a *zoé* dos gregos, minha vida natural reprodutiva, juntamente com meu *biopolítico*, uma forma de vida politicamente qualificada (Agamben, 2004, p.16). Ou como assevera Raffestan (1993), um zoé como energia socialmente trabalhada em informação, com saber ativo e passivo, manipulado pelos sistemas de poder dissimétricos capitalistas, sob a ira de um capital eternamente espoliador; no meu caso, um corpo biopolítico, por que não dizer, agora sob a égide de uma necropolítica, em todos os quadrantes da vida, cada vez mais precarizada. Sei que a empreitada é desafiadora, mas não tanto quanto superar, como superei, as duas variantes do meu ser: o meu corpo nu susceptível à covid 19, como o meu biopolítico em forte embate à necropolítica fomentadora do surgimento, ressurgimento, de biomas bacterianos e viróticos, como a do referido vírus, assim como, e dialeticamente, a busca pela ciência no seu combate. Assim, ressalto, falarei na primeira pessoa, como também, “cientificamente”, quando convier, na terceira. Esse artigo faz parte do ciclo de debates virtuais do IV CONGEO, tendo como tema central: “Desafios e novos debates da Geografia Política Contemporânea no Brasil, tendo como debatedores aqui na UFPE, eu, Prof. Alcindo José de Sá e a Profa. Tânia Bacelar de Araújo, tendo como mediador o Prof. Caio Augusto Maciel, buscando focar, por caminhos diversos, o cambiante, mas necessário, papel do Estado-Nação brasileiro e seus Estados Federados na gestão pública no campo da saúde e no combate da epidemia da Covid-19.

**Palavras-chave:** território do corporal; trabalho; COVID-19; gestão pública; necropolítica.

## COVID-19 IN MY MORBID TERRITORIAL BODY IN A GLOBALIZED, MUTANT, AND ACTIVE VIRAL GEOGRAPHY

### ABSTRACT

I emphasize that this essay has a personal character and, therefore, seeks to describe a state of morbid hospital life experienced by me for fifteen days under the affliction of COVID-19, from March 29, 2020, to May 13 of

\* Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: [alcindo.sa@ufpe.br](mailto:alcindo.sa@ufpe.br).

the same year. At the same time, I aim to make a link with possible and pertinent connections between Geography and other related humanities areas. Thus, I highlight that two common variants intertwine: the *zoé* of the Greeks, my natural reproductive life, along with my biopolitics, a form of politically qualified life (Agamben, 2004, p.16). Or, as Raffestan (1993) asserts, a *zoé* as energy socially worked into information, with active and passive knowledge, manipulated by asymmetrical capitalist power systems, under the wrath of an eternally exploitative capital; in my case, a biopolitical body, why not say, now under the aegis of necropolitics, in all quadrants of life, increasingly precarious. I know the endeavor is challenging, but not as much as overcoming, as I did, the two variants of my being: my naked body susceptible to COVID-19, as well as my biopolitics in strong confrontation with necropolitics fostering the emergence and resurgence of bacterial and viral biomes, like that of the mentioned virus, and, dialectically, the search for science in its combat. Thus, I emphasize, I will speak in the first person, as well as "scientifically," when appropriate, in the third person. This article is part of the cycle of virtual debates of the IV CONGEO, with the central theme: "Challenges and new debates in Contemporary Political Geography in Brazil," with me, Prof. Alcindo José de Sá, and Prof. Tânia Bacelar de Araújo, having Prof. Caio Augusto Maciel as moderator, seeking to focus, through various paths, on the changing but necessary role of the Brazilian Nation-State and its Federated States in public health management and in combating the COVID-19 epidemic.

**Keywords:** territory of the body; labor; COVID-19; public management; necropolitics.

## **COVID-19 EN MI CUERPO TERRITORIAL MÓRBIDO EN UNA GEOGRAFÍA VIRAL GLOBALIZADA, MUTANTE Y ACTIVA**

### **RESUMEN**

Destaco que este ensayo tiene un carácter personal y, por lo tanto, busca describir un estado de vida mórbida hospitalaria, vivido por mí durante quince días, bajo el acometimiento de la COVID-19, entre los días 29 de marzo de 2020 y 13 de mayo del mismo año. Paralelamente, busco hacer un enlace con posibles y pertinentes vinculaciones de la Geografía con otras áreas de las humanidades afines. Por lo tanto, destaco que se entrelazan las variantes comunes: el *zoé* de los griegos, mi vida natural reproductiva, junto con mi biopolítica, una forma de vida políticamente calificada (Agamben, 2004, p.16). O, como asevera Raffestan (1993), un *zoé* como energía socialmente trabajada en información, con saber activo y pasivo, manipulado por los sistemas de poder asimétricos capitalistas, bajo la ira de un capital eternamente expoliador; en mi caso, un cuerpo biopolítico, por qué no decir, ahora bajo la égida de una necropolítica, en todos los cuadrantes de la vida, cada vez más precarizada. Sé que la empresa es desafiante, pero no tanto como superar, como superé, las dos variantes de mi ser: mi cuerpo desnudo susceptible a la COVID-19, así como mi biopolítica en fuerte enfrentamiento a la necropolítica fomentadora del surgimiento y resurgimiento de biomas bacterianos y víricos, como el del mencionado virus, así como, dialécticamente, la búsqueda de la ciencia en su combate. Así, resalto, hablaré en primera persona, como también, "científicamente", cuando convenga, en tercera. Este artículo forma parte del ciclo de debates virtuales del IV CONGEO, teniendo como tema central: "Desafíos y nuevos debates de la Geografía Política Contemporánea en Brasil", teniendo como debatientes aquí en la UFPE, yo, Prof. Alcindo José de Sá y la Prof. Tânia Bacelar de Araújo, teniendo como mediador al Prof. Caio Augusto Maciel, buscando enfocar, por diversos caminos, el cambiante, pero necesario, papel del Estado-Nación brasileño y sus Estados Federados en la gestión pública en el campo de la salud y en el combate de la epidemia de la COVID-19.

**Palabras - clave:** territorio del cuerpo; trabajo; COVID-19; gestión pública; necropolítica

## **INTRODUÇÃO**

### ***O Corpo como Território, Capital, Trabalho, Saúde e Pandemia***

Buscando geografizar este “lampejo” de história de vida, acho pertinente começar com Raffestin (1993, p.152), quando este assevera que:

as ‘imagens’ territoriais revelam as relações de produção e, conseqüentemente, as relações de poder, e é decifrando-as que se chega à estrutura profunda. Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que ‘produzem’ o território. De fato, o Estado está sempre organizando o território nacional por intermédio de novos recortes, de novas implantações e de novas ligações. O mesmo se passa com as empresas ou outras organizações, para as quais os sistemas precedentes constituem um conjunto de fatores favoráveis e limitantes. O mesmo acontece com um indivíduo uma casa ou, mais modestamente ainda, para aquele que arruma um apartamento. Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’. Essa produção de território se inscreve perfeitamente no campo do poder de nossa problemática relacional. Todos nós combinamos energia e informação, que estruturamos com códigos em função de certos objetivos. Todos nós elaboramos estratégias de produção, que se chocam com outras em diversas relações de poder.

Sim, as imagens territoriais mostram as estruturas profundas do ser social, sob o escopo dos sistemas relacionais dissimétricos de poder, sob a égide de um capitalismo que não necessita mais, como frisou Karl Marx (2011), no Século XIX, de um proletariado como reserva de valor. Na aurora de um capitalismo calcado na tecnociência, “na mão de obra ciência”, nas infovias, na robótica, só resta como, nos alerta Bauman (2005), no que tange ao usufruto do acúmulo do sobretrabalho, vidas desperdiçadas, precarizadas, ou seres descartáveis e matáveis. Nas entrelinhas desses espaços “luminosos” da mais-valia global (em especial as cidades ditas globalizadas), como bem ressaltou Santos (1996), o que mais tem aflorado são os territórios mórbidos, doentios, enfermos e necrófilos. Mas como chegamos a esses territórios, sejam por doenças, como a covid-19, assassinatos e todas as modalidades de violência? Raffestin (1993, p.56), embasando-se em Foucault e Deleuze, assinala que:

Todo ponto de exercício do poder é ao mesmo tempo um lugar de formação de saber...A energia pode ser transformada em informação, portanto, em saber; a informação pode permitir a liberação de energia, portanto de força. O poder também é, nessas condições, um lugar de transmutação.

Mas o que de fato fundamenta o poder de homens sobre homens, num contexto social dissimétrico de conflitos e morbidez? Segundo Lapierre (Apud Raffestin, 1993, p. 56),

não é a necessidade natural, mas a capacidade que os homens têm de transformar, por seu trabalho e ao mesmo tempo, a natureza que o circunda e suas próprias relações sociais...Portanto, o poder se enraizaria no trabalho. O trabalho seria esse vetor mínimo e original, definido por duas dimensões: a energia e a informação. O trabalho é a energia informada.

Mas como bem Raffestin (1993, p.57) nos alerta, não podemos cair no engodo de que os homens podem dispor livremente do seu trabalho, pois o capital ao

apropriar-se do trabalho, significa destruí-lo, ou mais exatamente submetê-lo a uma dicotomia e separar a energia da informação; apropriar-se de uma e/ou da outra. No fundo, é impedir o homem de dispor de uma ou de outra ao mesmo tempo, o que, conseqüentemente, significa privá-lo do outro de sua capacidade primitiva de transformação.

Ou seja, o capital ao alienar o trabalho na sua totalidade, em especial na sua unidade de energia cambiante em informação, sacrifica ainda mais a *zoés* natural (Agamben, 2004), ou, digamos, meu corpo *nu* do meu ser natural. Paralelamente, nesse mundo sob a crescente mão de obra ciência, ao invés de libertar, ou liberar, menos energia em informação trabalhada, no contexto de uma lógica produtivista, tem, pelo contrário, sacrificado mais trabalho (mais valia relativa – aquela decorrente da mais rentabilidade, em virtude dos objetos “mortos/vivos” inteligentes, com seus softwares), na cata de uma produção e uma produtividade, num processo de acumulação global desmedida, e que tem fomentado, inclusive novas patologias, doenças ocupacionais, como a Síndrome de Burnout, asma ocupacional, dermatose ocupacional, DORT – distúrbios Osteomusculares, etc.

Enfim, de acordo com Morin (2002), o homem nunca deixou de ser uma *zoés* físico/bio/antropo/social, em constante processo de metamorfose, sendo o seu equilíbrio físico/bio, muito dependente dos seus avanços antropo/sociais. Não por acaso as expectativas de vida em diversas civilizações, sempre tiveram profundas variantes, sendo justamente com o advento do capital, especificamente a partir do Século XIX, um divisor profundo entre morrer, como destino traçado por Deus (uma perspectiva ideológica medieval) e o viver, através das grandes descobertas físico/químicas, por intermédio de um meio técnico/científico, de uma racionalidade médica propiciadora de desenvolvimento de fármacos, como remédios e vacinas, que veio a propiciar uma explosão demográfica na face de nosso cambiante planeta. Mas como ressalta Morin (2002, p. 29), “o ser humano mortal, como todo ser vivo, possui a unidade bioquímica e a unidade genética da Vida”. E eu como ser, conscientemente mortal, possuo as referidas duas unidades, elementos que propiciaram, indelevelmente, a não somente ser vulnerável ao acometimento pelo vírus da covid-19, como ser vítima do mesmo, entre o final de abril de 2020 até o dia 13 de maio. Afinal, minha vida, nossa vida,

é terrestre e somos seres vivos. A organização viva, não instaura apenas um sistema de comunicação celular interno (DNA – RNA – Proteína), mas comporta, desde a era bacteriana, comunicações de indivíduo a indivíduo (contendo especialmente a injeção de informação do DNA de bactéria a bactéria), o que levou a supor que, apesar da sua diversidade, o conjunto de bactérias vivendo na terra, sob a terra e nos ares constitui uma espécie de organismo gigantesco cujos elementos comunicam-se em cadeia (Morin, 2002, p.29).

Mas se ressalte que bactérias e vírus agem de forma semelhante no corpo, se multiplicando dentro de nossos organismos e provocando uma reação do sistema imunológico. Todavia, os vírus sofrem mais transformações, alterações genéticas, dificultando o seu combate. Isto porque o vírus

guarda informação não somente do DNA (composto por duas fitas genéticas), mas também no RNA, algo mais simples como uma carga de genes. Assim sendo, os vírus são responsáveis por muitas epidemias e demanda combates mais complexos. Já as bactérias, muito embora seus perigos, induzem enfermidades que foram e ainda são muito destrutivas à humanidade, como a pneumonia, a tuberculoso, o tétano, a gonorreia, sífilis, hanseníase, mais “fáceis” de cura. Todavia, dialeticamente, em muitos casos, são ancoradas pelo próprio vírus, com as suas fitas genéticas e RNA, tornando-os mortais, afinal ele precisa de uma célula viva receptora. Assim, a aptidão à convergência permitiu à formação e o desenvolvimento de vegetais e animais com tendência à associação em bandos, rebanhos e sociedades, enquanto que nas interações entre unicelulares, vegetais e animais formaram ecossistemas, os quais se uniram para formar a biosfera (Morin, 2002).

***Meu zoé corpóreo vulnerável, frente às investidas antroppo/sociais das mutações virais em tempos de economia globalizada***

Assim, como ser humano, no contexto do meu trabalho informado, manipulado e alienado, considerando, progressivamente, a minha debilidade físico/bio/antroppo/social, fui acometido, repito, em final de abril de 2000, pela covid-19, mais um vírus complexo, no contexto das suas múltiplas variâncias. Os sintomas? Apesar de, na época, existir poucos estudos, a área médica já apontava, inicialmente, tosse “seca”, coriza, supressão do odor e paladar e, em casos já mais graves, cansaço corporal e dificuldades respiratórias. E justamente, seguindo essa trajetória, depois de duas semanas, fiquei convencido de que tinha sido infectado pela “nova” epidemia do mais “novo” vírus a circular de Wuan, na China, para Recife-PE.

Assim, como diz Morin (2002), “estamos [também], mais do que nunca, na noite escura das origens”. No interim desses dias, por “negação?”, ou mesmo tendo por base experiências passadas, busquei aplacar as ações do vírus, como se fosse uma gripe viral comum, tomando chás de limão com alho, xaropes (vários), buscando minimizar os incômodos da tosse, dor de cabeça, dor corporal, mas, infelizmente, sem uma resposta à altura. Creio que no dia 29/04/2000, fui à agência do Banco, no qual tenho conta, fazer um pagamento. No referido recinto senti um forte cansaço e insuficiência respiratória, algo parecido com minhas crises asmáticas na infância. De pronto, me convenci de grande suspeição de Covid-19 e, sem realizar a tarefa determinada, peguei um uber (de máscara e álcool gel) em busca, ainda mais (tomei muitos medicamentos em casa), de uma ciência médica em um Hospital Privado em Recife, mais ativo, no caso, de uma medicina mais precisa, seja na busca de um diagnóstico mais acurado (já existia o famoso teste detector PCR do vírus) sobre a minha enfermidade, seja, caso de um tratamento (mesmo na época com poucas informações e alternativas

de cura), através de todos os aparatos técnicos, científicos e informacionais para uma pretensa supressão da possibilidade de uma morbidez, na época com grande difusão. Ressalte-se que, infelizmente, o atendimento na rede pública estava ainda mais caótico, considerando a demanda muito grande por tratamento de covid 19 e um déficit imenso para supri-la. Como ainda disponho, a um custo altíssimo, de um Plano de saúde, pude recorrer ao referido serviço. Meses depois o atendimento público teve pequena melhora, muito embora as tragédias de falta de oxigênio em Manaus, o uso de remédios cientificamente provados como inúteis, o negacionismo e a demora na compra de vacinas anti-covid-19, terem levado aos, hoje, mais de 700 mil mortes.

### ***Economia em rede global, covid-19, e o “fracasso” dos ideais positivistas da saúde perfeita***

Mas como nos ressalva Pierre George (1993), o que diferencia um “foraminífero” do ser humano, é que este, apesar de ter aflorado, surgido da evolução de uma bactéria, é que, se contrapondo a outros biomas, oriundos da mesma origem,

O ser humano mortal, como todo ser vivo, possui a unidade bioquímica e a unidade genética da vida...Trata-se de um hipervivo que desenvolveu, de maneira extraordinária, as potencialidades da vida. Exprime ao extremo as qualidades egocêntricas e altruístas dos indivíduos. Atinge os paroxismos da vida, os êxtases na embriaguez, ferve de ardores orgiásticos e de orgasmos. É também hiperdinâmico, no sentido em que desenvolve de maneira nova a criatividade viva. Com a humanidade, dá-se o deslocamento da faculdade criadora para o espírito (Morin, 2002, pp.29-30).

Um espírito, ressalta-se, pleno de emoção, mas, e acima de tudo, como assevera Milton Santos (1996) de razão, sendo esta, hoje, cada vez mais instrumental. Neste interim, em especial com a ascensão do capital e, no seu lastro, o racionalismo científico, a busca incessante do acréscimo das potencialidades da vida, por intermédio dos diversos avanços mecânicos, físico e químicos como suprimidores dos biomas deletérios e mortais dos zoés (corpos “nus”), se torna fato, em prol de corpos plenos de saúde, tradutores de vidas cheias de biomas portadores de energia, trabalho informante e informado saudáveis e potenciais de criarem sempre mais lucro no processo acumulativo capitalista. Não por acaso a “indústria” da tecnociência médica não parou de crescer e se intensificar do Século XIX até os nossos dias; uma indústria que abarca o que há de mais sofisticado tanto no avanço dos remédios, das vacinas e da química fina para a manipulação corpórea, até os aparelhos onde se fundem a mecânica, a física e a química, com vistas a dissecarem nossas entranhas corpóreas, com vistas a ações médicas invasivas ou não. Para Morin (2011, p.163),

A medicina ocidental aparece como a única medicina autêntica. Seus descobrimentos, seus conhecimentos, seus sucessos não param de progredir desde o Século XIX: conhecimentos anatômicos, fisiológicos, celulares e bioquímicos; vacinas antibacterianas, corticoides, antibióticos; agregação de diagnóstico através da imagem (radiologia, scanner, cintilografia, endoscopia); êxitos prodigiosos nas cirurgias, especialmente cardíaca, pulmonar e hepática; vitórias sobre a mortalidade infantil, no parto, na mortalidade senil, controle sobre a

hipertensão. Finalmente o descobrimento das células tronco nos organismos adultos, que constitui uma promessa de prorrogação da vida humana em parâmetros saudáveis. Por isso, a medicina ocidental se tem difundido por todos os continentes, relegando as medicinas tradicionais classificando-as de práticas retrógradas, quando não, ilusórias...Seus progressos na pesquisa, nos conhecimentos e nas terapias, atrelados aos da higiene, a educação, o modo de vida têm contribuído para prorrogar a esperança de vida desde os 25 anos até os 70 ou 80 anos no mundo ocidental...Por isso, a única medicina oficialmente reconhecida é a que é ensinada nas faculdades, praticam suas consultas nos hospitais [no caso do Brasil, também em clínicas particulares] com os médicos generalistas ou especialistas formados nessas mesmas faculdades...Muito embora o gigantesco progresso da medicina ocidental, a mesma comporta limites, insuficiências e carências.

Que diga o despontar do vírus covid-19 e as insuficiências médicas para suprimi-lo, durante esses mais de dois anos, muito embora os grandes avanços no campo de novas vacinas e remédios, à exemplo de pílulas para minorar os efeitos de quem já foi acometido pela contaminação.

***Vulnerabilidade e dor do meu eu em um contexto pandêmico “pós-moderno”: o fio da navalha entre o bio/físico virótico e o antrope/social dos avanços médicos***

E aqui, mais uma vez, volto ao meu flagelo corpóreo pela ação da covid-19. Já ciente de ter os sintomas virais dessa nova pandemia, de pronto, decidi me dirigir ao hospital conveniado, no intento de fazer um checkape. Ao chegar na emergência central, fui de imediato, dado o meu estágio de crescente falta de ar, levado para uma outra emergência, no mesmo hospital, em um prédio já reservado para os pacientes da referida pandemia. Ao descer da ambulância do hospital, fui posto em uma cadeira de rodas e logo enviado para uma ala receptiva de pacientes para triagem e direcionamento para os microterritórios mais equipados ao estágio da doença em que me encontrava.

No meu caso, o uso imediato do cateter nasal que, segundo a médica plantonista, era a primeira opção ao chegar à referida ala hospitalar, com falta de ar leve ou moderada. Este “Consiste em um sistema de pequenos tubos ligados a uma fonte de oxigênio com duas aberturas que são adaptadas às narinas da pessoa. Como o cilindro de oxigênio é acoplado diretamente ao equipamento, o próprio pulmão faz o trabalho de puxar o ar para dentro”<sup>1</sup>. Em algumas horas foi esse o aparelho que fiz intenso uso. Todavia, aos poucos a infecção pulmonar tomada pela covid 19 foi se intensificando e, concomitantemente, a necessidade de mais oxigênio. Daí a médica ter substituído o referido cateter por uma máscara facial, já que com ela os meus pulmões seguiram puxando mais ar, pois a mesma aumentou o fluxo de oxigênio. Caso meu nível de “saturação” (de respiração) baixasse ainda mais, poderia acontecer o que mais temia: a “intubação”. Este é um procedimento no qual o médico insere um tubo desde a boca da pessoa até à traquéia, de forma a manter uma via aberta até o pulmão e garantir a respiração adequada. Esse tubo é ainda ligado a um respirador, que substitui a função dos músculos respiratórios, empurrando o ar para os pulmões. Na covid é utilizado esse procedimento em

estados de gravidade e se faz necessário o uso de anestesia para o médico ter total controle sobre a respiração<sup>1</sup>.

Ressalte-se que o controle e monitoramento, não apenas de minha respiração, mas também de outros sinais vitais se deu e se dá, através do Monitor Multiparâmetro de Sinais Vitais. Através do eletrocardiograma (ECG), o monitor multiparâmetro de sinais vitais acompanha os batimentos cardíacos do paciente que são captados através do cabo de ECG que é conectado em alguns pontos do peito do paciente. O monitor de sinais multiparamétrico monitora pressão arterial não-invasiva, frequência cardíaca, saturação de oxigênio, temperatura corporal e glicose. temperatura: embora bastante simples, a temperatura corporal precisa ficar entre 36,1°C e 37,2°C. Se o aparelho apontar números abaixo, é sinal de hipotermia. Já para número acima do considerado normal, constata-se febre, piroxia ou hiperpirexia. Em ambos os casos, funcionam como sintomas que precisam ser avaliados. Destaque-se também, que era intenso o uso do aparelho bio/físico/químico do tomógrafo móvel, com vistas a tiradas de raio x, ou imagens da expansão ou retração da ação do vírus e seus mediadores, como a pneumonia no fluxo respiratório<sup>2</sup>.

Foi no meio de todos esses aparatos com inúmeros fios atrelados ao multiparamétrico que me via solitário, um estorvo contaminante e “prisioneiro”. Prisioneiro porque numa UTI, você fica restrito ao leito hospitalar como “território [ainda] vivido”, ou melhor, ocupado por um ser inerte, pois como portador de um vírus mortal e transmissor, não podia ter mobilidade por um espaço mais amplo. No máximo, seu [o meu] movimento era o induzido pelos enfermeiros e auxiliares no leito hospitalar, no suporte da limpeza corporal, troca de lençóis e travesseiros, além da aplicação de remédios injetáveis ou não, e muita coleta sanguínea, creio, para a mensuração do estágio do oxigênio. Aliás, à exceção do anticoagulante, fazia parte, creio, do “kit covid” e suas posologias, nos cinco primeiros dias, a ingestão de cinco comprimidos diários, todavia, indagava quais eram os medicamentos e sempre tinha uma resposta negativa sobre o conteúdo dos mesmos. Como era quase no início da difusão da pandemia, supunha estar recebendo azitromicina, hidroclorotiazida, mas minhas especulações ficavam apenas no plano subjetivo. No terceiro dia retiraram dois e no quinto dia houve a suspensão dessa linha medicamentosa. O certo é que, em meio à dor, o temor, a angústia de não ter informações sobre a evolução ou involução do grau de minha enfermidade, então

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.tuasaude.com/intubacao-orotraqueal/#:~:text=A%20intuba%C3%A7%C3%A3o%20orotraqueal%2C%20muitas%20vezes,e%20garantir%20a%20respira%C3%A7%C3%A3o%20adequada>.

Acesso em: 30 de agosto de 2021.

<sup>2</sup> Ver monitor multiparâmetro. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=monitor+multipar%C3%A2metro&source=hp&ei=i3qYYfbaKpy85OUPn5C90Ak&iflsig=ALs...>

desenvolvi uma estratégia de mirar com constância o multiparamétrico e sua tela indicativa do grau dos batimentos cardíacos, mas, principalmente do grau de saturação, ou seja, de minha capacidade pulmonar de absorver em um nível “normal” o oxigênio imprescindível à sustentabilidade do meu corpo nu, mas abduzido pela expansão do vírus nos meus frágeis pulmões; do meu mero **zoé**. Sabia que abaixo de 95 era risco e quando chegava a 86, 87 entrava em desespero e angústia solitariamente. Em paralelo, buscava somar à fé na racionalidade científica e muitas, também muitas orações a todos os Santos e Arcanjos, enfim, ao metafísico e a emoção. Creio que foram importantes na minha plena recuperação da covid 19 e, de certa forma, um fortalecimento não somente do meu zoé, como também do meu bio político para estar aqui escrevendo esse relato/depoimento “científico” /racional.

Aqui ainda cabe uma pequena e seminal observação: ao ser contaminado pelo referido vírus, e ainda no início da pandemia, percebi e vivi aquilo que mencionei acima: senti-me um estorvo contaminante e mortal; um antigo “leproso” afugentador de pessoas sanas para territórios distantes e fora de risco, já que eu ou você acometidos de tal doença era sinônimos de morte. Não relego (aliás, advogo) a premissa científica de distanciamento social como eficaz e correta, apesar de dolorosa. Daí, as poucas pessoas que tinham acesso a UTI (médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem, auxiliares de limpeza), sempre estarem munidos das EPIs (equipamentos de proteção individuais), como máscara cirúrgica, máscara de proteção respiratória, avental (esses com mangas longas, abertura posterior, punho de elástico ou malha, não alergênico, etc.), luvas, protetor ocular ou facial. Mas repito, como paciente de covid19, além das inúmeras dores, a dor da solidão é uma das mais marcantes e ao ver os enfermeiros, médicos e auxiliares jogarem no lixo (lixo médico, muito mais seletivo) suas luvas e aventais descartáveis, que cobrem o avental manga longa, depois dos procedimentos médicos diários e nos apartamentos marcados, tive também a sensação de parte de mim ser também um estorvo descartável e fadado ao lixo; um viver e um sentir – pelo menos enquanto perdurou a enfermidade – como parte dos **territórios putrefatos, inúteis e custosos**, aos olhos da maioria da população manipulada pela mídias sociais negacionistas e facistóides, das instâncias políticas e publicas de poder, pautadas, agora, sobre as premissas da necropolítica e do necropoder, em especial para os estratos socioespaciais do precariado no/do Brasil. Sendo um pouco mais realista e mais dramático, um paciente de covid-19 no seu estágio mais contagiante, é mais abjeto e desprezível, lixo humano, que um “noiado” consumidor de crack, um “pingunço” inveterado, um cocainômano que vivem à margem social e territorial, com suas vivendas nas ruas e o desprezo social da indiferença, pois ao “covidinho” só lhe resta seu corpo nu e sua cama hospitalar, à mercê psicológica da balança entre a reação natural, lastreada no suporte físico/bio/química e mecânica da

ciência de forma positiva, ou seu afinamento e necrose total. Que falemos os mais de 700.000 mil mortes, até o momento, no Brasil.

Diante deste novo/velho panorama geográfico, não podemos deixar de questionar, de uma forma mais contundente, o otimismo médico/científico difundido pelo positivismo científico, desde o alvorecer do Século XIX, mas em especial, ao longo do século XX, como se o mundo físico/bio/antropo/social fosse algo estático, e os biomas bacterianos e virais fossem totalmente superáveis pelas fascinantes descobertas de fármacos, até então, inimagináveis. Isto porque, mesmo com os avanços no aspecto antropo/social, tendo como lastro as transformações econômicas, hoje pautadas numa tecnociência que, infelizmente, a mesma vem devastando e destruindo o mundo no seu lado sensível e limitado, do lado físico/bio, incluindo, como já aludido acima, a existência do próprio homem. A destruição de biomas, como o que presenciamos no Brasil, com as florestas tropicais, as emissões de CO<sub>2</sub>, temas em pauta na COP 21, alertam para a necessidade de um freio nos dogmas econômicos preponderantes, de um consumo ilimitado, em favor da própria sobrevivência humana. Neste prisma Morin (2011, p.81) destaca que

Devemos superar [a infeliz] separação, ou disjunção absoluta entre o homem e a natureza, resultante do auge do racionalismo técnico ocidental e a influência do antropocentrismo judaico-cristão. A quimera [o sonho] de controle total do mundo, alimentada pelo prodigioso desenvolvimento das ciências e das técnicas, tropeça hoje com a tomada de consciência sobre os poderes destrutivos que representa a tecnociência para a própria humanidade e sobre nossa dependência no que toca a biosfera. Como a via seguida pela humanidade conduz a piora de todos esses males e perigos, trata-se de mudar a via através da conscientização e da reforma. O *Homo sapiens* já não deve intentar dominar a terra, mas, sim, preservá-la e ordená-la”. Para tanto, “se impõe uma reforma do conhecimento”, com vistas a superar o pensamento disjuntivo e redutor. ‘Uma reforma do pensamento, inseparável de uma reforma da educação...nos levará a reconhecermos como filhos da terra, filhos da vida, filhos do cosmos. Nos faria tomar consciência de nossa comunidade de destino como seres humanos de todas as origens, ameaçados pelos mesmos perigos mortais. Saberíamos, então, que o pequeno planeta perdido chamado Terra é nossa casa (home, Heimat); que é nossa pátria, nossa Terra-Pátria. Todos os humanos habitam a casa comum da humanidade, sofrem a situação agônica desse início de milênio e compartilham um destino de perdição’ (Morin, 2011, p.81).

Enfim, precisamos de uma nova paidéia que situe a geografia patogênica (fungos, bactérias, vírus, etc.), de doenças e de perdição de vidas humanas, no contexto de um mundo cada vez mais teleguiado por uma necropolítica e um necropoder, tendo como lastro uma tecnoeconomia globalizada indutora de um crescente trabalho precarizado e destruidor de biomas.

Nessa linha, no ciclo de debates virtuais do IV CONGEO, tendo como tema central: “Desafios e novos debates da Geografia Política Contemporânea no Brasil, tendo como debatedores aqui na UFPE, eu, Prof. Alcindo José de Sá e a Profa. Tânia Bacelar de Araújo, buscamos focar, por caminhos

diversos, o cambiante, mas necessário, papel do Estado, suas federações e políticas públicas no campo da saúde. A referida Professora destacou o singular papel Consórcio Nordeste no combate regional da pandemia, frisando que, apesar dos boicotes e empecilhos do Governo Central, a união dos Estados nordestinos viabilizou a quebra de muitos obstáculos, tanto nas políticas de tratamento, combate e propaganda no combate da pandemia, quanto no esforço para a compra da vacina Sputnikic (Russa), mas inviabilizada pela Anvisa. Eu, por sua vez, tratei, dada a minha própria experiência como vítima da pandemia, de que, apesar de todo esse discurso privatista e neoliberal, hoje predominante, nunca foi tão proeminente o papel do “tradicional” da interferência do Estado-Nação como ente de ação política, em especial nos campos da saúde, da pesquisa e da educação. Isto fica evidente, não apenas nos tratamentos profiláticos, como no campo vacinal e outros mais preventivos, como também nos seres com doenças crônicas, ou não, que precisam de um acompanhamento médico com terapias, remédios e equipamentos custosos, incluindo os doentes de covid.19 em unidades médicas/hospitalares especializadas.

Destaquei, de forma pessimista, que a referida doença não vai mudar radicalmente os princípios e valores de uma sociedade cada vez mais pautada no individualismo, na competição e competitividade, mas que ficou e continua a ficar evidente, que em todos os países, sem o papel ativo do Estado, as calamidades, sejam ambientais, financeiras/econômicas ou no campo da saúde, seriam ainda mais caóticas. Nos EUA, país símbolo do capitalismo mais sacrossanto, o Senado e a Câmara federal aprovaram recentemente o maior pacote econômico, com vistas a investimentos, em especial, nos setores de infraestrutura sócio-territorial, grande propulsora de renda e consumo e, conseqüentemente, inclusão social. O Brasil para sair desse estado de pobreza, exclusão, fragmentação espacial e ambiental, não pode fugir dessa nova/velha forma de gestão do espaço; *um novo New Deal tropical* como verdadeira paidéia a redimensionar nossos avanços sociais.

***Á guisa de uma pequena conclusão: por uma paidéia da reunião homem/meio e o vislumbrar, ou revinslumbrar os limites dos espaços de vida***

De maneira premonitória, em trabalho por mim realizado em 2016, intitulado “Geocultura Política Pós-Moderna: limites e fronteiras em questão, abordei os conflitos territoriais dos espaços fronteiriços demarcados pelo Estado Nação brasileiro, em que aflorava a busca de alteridade por comunidades tradicionais, em recortes limítrofes instáveis entre indígenas, ou comunidades assentadas em Parques Nacionais ou Reservas Biológicas; em um dos pontos abordei a necessidade da preservação dos ecossistemas, aliás, sempre um ponto de luta dos referidos povos. Isto porque a pós-modernidade na sua agressiva lógica da mais-valia absoluta e cada vez crescentemente relativa

(produtividade tecnológica), pautada no aqui e agora, nesse tempo supermaquínico, tecnocientífico e em rede, não é um absoluto socio-territorial totalizador pleno, como apregoa o discurso ideológico neoliberal. Também outras temporalidades, como a do relógio natural/físico (manhã, tarde e noite) e humano, mas sem o controle rígido do relógio capitalista maquínico, fazem-se presentes nas múltiplas territorialidades geográficas no horizonte terrestre.

Portanto, como já relevado, ao invés de uma cultura meramente “moderna”, de uma ética tornada lei e manipuladora de escalas espaciais, temporais e comportamentais, parecem despontar também antimodernidades, mesmo a reboque do peso da modernidade ou pós, ou seja do **status quo** da geografia do poder do relógio instantâneo globalista e sua rede implacável, seja culturalmente, seja economicamente. E essa antimodernidade nos parece mais do que imprescindível no período histórico atual, pois dela desponta ou pode despontar a nova/velha simbiose, unidade do físico-bio-antropo-social. Isto porque o meio físico, apesar do peso avassalador da modernidade em busca da sua subordinação, da sua dominação, jamais suprimiu ou suprimirá sua força embutida nas suas entranhas superficiais ou profundas (que falem os eventos naturais do furacão Catrina, vulcão Pinatubo, terremoto no Chile, etc). Aliás, essa mesma modernidade pode e vem acirrando a ira dos fenômenos naturais/humanos, em virtude do seu ataque feroz em transformar toda matéria em recurso, especialmente os fenômenos climáticos; um desgaste incessantemente do peso da ação do capital, de desperdício de energia sem renovação na mesma intensidade, isto é, entropia.

Neste sentido, torna-se mais do que imprescindível não somente a preservação e conservação, mas a ampliação dos resquícios territoriais das áreas indígenas, de reservas biológicas e parques nacionais, pois serão desses relativos que vai depender a “auto-sustentabilidade” do absoluto do propalado mundo globalizado devastador, com a sua ideologia mortífera de que o mundo é infinito em todas as suas potencialidades econômicas, agora arrojadas pelas tecnocências antro-po-sociais pós-modernas em prol de uma cultura hedonista. Enfim, tem que se resgatar os relativos micromundos de natureza e homens concretos, dotados de razão e emoção, como tão bem ressaltou Milton Santos (1996), para fertilizar uma crítica severa da cegueira discursiva de um absoluto, que ao negar o físico-bio, vem suprimindo a sua própria existência, como cultura dotada de civilidade, tolerância, saúde (que diga a epidemia do vírus da covid-19) e bem-estar, ou seja, uma síntese harmônica do homem com a natureza. Afinal a civilidade, a cidade, a moral, a ética, o território são frutos do homem estar para o outro em sua defesa e defesa coletiva, indícios de civitas, e não somente com o outro pautado em normas e leis como proclama a “modernidade pós-moderna”, como destaca o filósofo Lavinas (2007). Reserva indígena Pankararus-PE, Reserva Biológica Serra Negra-PE e Parque Nacional Vale

do Catimbau-PE) talvez sirvam de referência ao absoluto globalizado, inclusive nas entranhas sertanejas do Nordeste brasileiro, estigmatizado como terra de indolentes, fanáticos religiosos e cangaceiros (sicários, matadores), muito embora já todo atrelado e “assediado” à rede da economia global. Seguramente a enfermidade que vivi e sofri, vítima da covid-19, uma mutação viral, como muitas que aconteceram e vão ocorrer, é fruto da disjunção perversa homem/natureza, por um sistema econômico que enxerga o físico/bio como matéria sem limites a ser transformada em objetos comercializáveis, no contexto de um processo de acúmulo de riqueza desmedido.

## **REFERÊNCIAS**

- AGAMBEN, G. H. S. **O Poder Soberano e a Vida Nua I**. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2004.
- GEORGE, P. **O Homem na Terra. A Geografia em Ação**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- LAVINAS, E. **Ética ao Infinito**. Lisboa: Ed. 70, 2007.
- MORIN, E. **O Método 5. A Humanidade da Humanidade**. Porto Alegre: Sulinas, 2002.
- MORIN, E. **Para la Vía. Para el futuro de la Humanidad**. Barcelona: Espasa Libros, 2011.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- SÁ, A. J. de. **Geocultura Pós-Moderna: Limites e Fronteiras em Questão**. Recife: Ebook, 2016. ISBN 978-85 922247-0-7
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.